

A ATITUDE PEDAGÓGICA NA CIÊNCIA DOS FINAIS DO ANTIGO REGIME

JOÃO LISBOA*

No Portugal que se segue à reforma da Universidade de Coimbra, quando já várias décadas se passaram sobre a polémica do *Verdadeiro Método de Estudar*, como se relaciona o universo leitor português com os escritos científicos? No desenvolvimento dos saberes, científicos ou outros, a forma como uma comunidade deles se apropria constitui algo de essencial. No caso concreto do séc. XVIII parece mesmo determinante o alargamento dos utilizadores da informação. Partindo de uma crescente confiança nos poderes "regeneradores" da razão e do esclarecimento, havia que fazer com que o maior número recebesse e usufruisse os conhecimentos necessários. Algumas ciências são objecto preferencial deste raciocínio.

No que respeita à Medicina, estamos perante um saber visto como tanto mais eficaz quanto mais conscientes estivessem os homens do seu corpo e dos perigos (naturais ou sociais) que o rodeiam. Proliferam então as edições de "avisos ao povo acerca da sua saúde" ou as "medicina doméstica", literatura de vulgarização que aparece em vários países. São em geral livros que procuram fornecer noções rudimentares de saúde, dentro do espírito de que os conhecimentos básicos e as primeiras acções são de acesso fácil. Provam, além disso, a receptividade e o estatuto que o discurso elaborado a partir de um raciocínio científico ia ganhando.

Caso se entenda que a doença provém do rigor da natureza e da não adequação do homem aos seus perigos, então a

prevenção consiste em conhecer a melhor forma de equilibrar o funcionamento do corpo com as condições naturais. O homem "avisado" não é tão permeável. E se, pelo contrário, a doença pode aparecer de hábitos criados pela existência social do homem, aspectos relacionados com a sua higiene ou alimentação, por maioria de razão o homem prevenido conservará a sua saúde.

São publicações que surgem na dupla perspectiva optimista de que, se o homem parece ter capacidade para dominar a história do seu corpo, a humanidade tenderá necessariamente para um "estado de saúde", mal a ignorância seja debelada.

Em Portugal, difundiu-se a tradução das vulgarizações de Tissot, Buchan e Pujol. Não eram leitura destinada a especialistas, mas também não se tratava de obras de medicina popular, próximas dos almanaques. Tissot, por exemplo, verbera a influência dos almanaques sobre as populações "ignorantes" e "crédulas" ⁽¹⁾.

Obras como as de Tissot são as típicas representantes da vulgarização médica. Mas ao editar-se Jenner ou outros textos sobre as grandes novidades da vacinação de seres humanos, está-se a dar conta da atenção com que era seguida uma pesquisa, pesquisa essa que não faria sentido sem uma correspondente divulgação. Em 1795 aparecem durante alguns meses os primeiros anúncios de um livro português sobre a inoculação das bexigas ⁽²⁾. Antes da tradução de Jenner ⁽³⁾, que se publica em 1803 (ano da constituição da Socie-

* Docente da ESE de Beja

dade Jenneriana inglesa), ainda Henriques de Paiva escreve um texto em que explica os avanços e as vantagens das últimas descobertas feitas neste campo ⁽⁴⁾. Anos depois, o prestígio destes temas e destes nomes transparecerá na literatura ⁽⁵⁾.

Os rápidos resultados destas experiências permitiam pensar que a sua aceitação tinha sido pacífica. Porém, Henriques de Paiva escreve combatendo os que são sempre reticentes, qualquer que seja a novidade, e que de novo se manifestam ⁽⁶⁾.

Enquanto que, no campo da Agricultura, a divulgação de novidades choca com a inércia, com os métodos de uso tradicional e com bloqueios sociais, as novidades da Medicina têm de defrontar igualmente várias barreiras de inércia, escudadas ou não em argumentos do tipo de que tal ou tal experiência conheceu maus resultados.

O denominador comum é o confronto entre uma concepção e uma prática que vê na socialização do conhecimento a virtude maior, e uma outra que estranha (ou mesmo teme) o uso que dos conhecimentos humanos se pode fazer a partir do seu alargamento a vastas camadas de leitores. É ainda Henriques de Paiva quem se justifica ao explicar o seu papel na divulgação médica:

"Não me sendo, (...) ainda possível estabelecer uma enfiada de observações exactas e verdadeiras, feitas em Portugal, como seria necessário, para satisfazer os grandes Desejos de V.A.R., e chegando-me às mãos obras de médicos que nisto têm trabalhado, intentei logo ajuntar e dar à luz algumas reflexões escoradas em boas experiências, para que, dando assim uma breve notícia da origem e descobrimento da referida enfermidade, dos seus efeitos ou sintomas, e das suas vantagens ao género humano, pudesse de algum modo chamar à observação os outros, e aprofundar ainda melhor esta matéria em obra maior e mais digna dela" ⁽⁷⁾.

É precisamente esse o ponto que nos interessa agora clarificar. Importa pôr em relevo o fenómeno do "esclarecimento" em si, dado que é uma face essencial da concepção de actividade científica nesta

época. É uma face paralela ao afastamento da busca de uma Metafísica, como nos afirma Isabel Pincemin: "El Iluminismo, abandonando la preocupación profunda en la realidad, opta por "ilustrarse" para una mejor conquista del mundo"⁽⁸⁾.

Seria demasiado chamar "iluminista" a toda a atitude que pretende divulgar o conhecimento actualizado do século XVIII. Mas é sem dúvida uma preocupação comum a largos sectores do pensamento setecentista, o ligar o trabalho de investigação à sua publicidade, de forma a poderem daí tirar-se (ou poder antever-se) resultados sensíveis.

Esta atitude, aparentemente ingénua e muito abrangente, revela uma concepção de natureza humana e uma ideia de Razão. o próprio conceito "iluminismo", de usos tão contraditórios, podia ser empregue neste sentido lato. Quando o termo começa a ser empregue, ainda no século XVIII, revelando a concepção que os homens tinham da sua própria época, caracterizava tendências intelectuais de um tempo, tendências essas que tinham implicações políticas e sociais.

A confiança no poder da razão e a aplicação desse poder na compreensão do mundo material, sendo uma das faces daquele conceito, não o esgota. Daí que pudessemos incorrer em imprecisões de vária ordem. Muitos daqueles que, confiantes no poder regenerador da razão, assumem como seu o projecto de difundir um saber actualizado no domínio científico, ou estão alheios, ou são claramente adversários das concepções políticas e/ou religiosas dos iluministas franceses.

Se nos lembrarmos do leque de orientações divergentes que o próprio projecto de *Encyclopédie* abrigava (fisiocratas, igualitários, deístas, materialistas), podemos fazer uma ideia de dificuldade de tornar operacional para o nosso espaço um conceito como o de "iluminista". O que não quer dizer que esses filósofos estejam ausentes do pensamento e das leituras portuguesas, nomeadamente tendo em conta o problema do "esclarecimento", emergindo, ora em discretas manifestações de simpa-

tia, ora sobretudo em ataques sistemáticos e de grande violência por parte dos antagonistas dos chamados "filósofos do século", em particular em textos de apologética cristã. Embora sem tomar a crítica pelo criticado, podemos nos aperceber de certos fenômenos quase apenas pelas reações que geraram (ou, o que não é o mesmo, pela consciência da necessidade de atitudes por parte de quem as tomava).

Temos assim uma questão central que abarca contradições de natureza diversificada. A questão central é: quais os contornos de uma actividade pedagógica no domínio das ciências. As contradições situam-se entre concepções de "Verdade" e entre formas de entender o papel social da ciência.

Podemos assistir a atitudes "enciclopedistas" por parte de indivíduos que participam dos valores dos apologetas, como não são de estranhar argumentos racionais combatendo formas de divulgação. Mas a contradição fundamental reside na convicção de ser ou não importante para o homem conhecer o mundo material, e, quando dizemos "o homem", entenda-se não um pequeno grupo de iniciados mas a espécie humana, imaginada à semelhança do europeu.

Este europeu, por muito que esteja dominado por antigas crenças ou pela mais pura "ignorância", seria dotado de razão, lugar universal e absoluto. Compete aos que têm consciência da necessidade do saber providenciar para que a razão que existe em cada um desperte ou se "ilumine".

Esse trabalho poderá até ser moroso e incompreendido, mas paulatinamente a ilustração ir-se-á espalhando. Num prospecto do *Jornal Encyclopedico*, a propósito do fraco acolhimento dado a "alguns discursos relativos às ciências" (artigos não acessíveis ao "povo"), conclui-se: "instruir-se-ão pouco a pouco com a leitura do nosso Diário" (9).

Ao espalhar o saber, o divulgador pretende sempre influir numa realidade e modificá-la. Está convencido de que é a ignorância que mantém relações e procedimentos viciados, atitudes que distanciam

o homem do seu equilíbrio natural, e da perfeição da natureza, donde ter de se combater essa ignorância. Não é contraditório procurar a mudança. A Natureza, paradigma inquestionável, não reside no que "é" (nomeadamente a nível das relações humanas) mas no que "devia ser". A pedagogia surge também como instrumento de uma moral que tem como ponto de referência uma ideia de natureza. A ciência é a forma de acesso a essa perfeição, e a pedagogia é a forma de harmonizar o homem com esse dever ser. Afirma Solano Constâncio:

"A inteligência humana é certo que abrange o orbe inteiro, quando chega a ser desenvolvida e aperfeiçoada pelos trabalhos sucessivos da civilização; mas o homem enquanto ignorante nada vale, e nada pode por si só; e no estado em que sal das mãos da natureza o tardio desenvolvimento das suas faculdades físicas e intelectuais o sujeita a uma longa dependência dos mais homens enquanto não consegue, à força de exemplos, e de tentativas, poder cuidar da sua própria conservação e defesa" (10).

E se virtude e vício se defrontam na guerra imaginada e "vívida" entre o saber e a ignorância, não existe maior pecado na óptica de um enciclopedista do que a oposição ao espalhar do esclarecimento. Qualquer dos intervenientes neste processo tem uma perspectiva moral não muito distante dos modelos convencionais, se bem que no caso da ilustração haja uma aferição social da justiça.

Colocam-se na pedagogia os mesmos problemas de método que encontramos na ciência em geral. Um dos pontos polémicos do Emílio é o papel das sensações no seu processo de aprendizagem. É de novo o *Jornal Encyclopedico* que chamamos a testemunhar. Aí se afirma que não se pretende "seguir o sistema de Rousseau (sic) no seu Emílio à risca", mas que "sempre que houver ocasião de o pôr em prática sem dificuldade se tirará dele proveito" (11). Ou seja, em 1792 em Portugal há quem considere e quem escreva num órgão de grande audiência que, a haver de-

feitos no esquema de educação proposto por Rousseau, eles estão no facto de se tratar de um modelo desligado das realidades e dificuldades concretas e não em questões de fundo, na sua concepção.

Agostinho de Macedo, apesar de vários escritos onde trata cientistas de forma elogiosa, receia que a curiosidade científica prejudique a fé dos portugueses e escreve: "Deixai que a gravitação seja dos Ingleses, (...); deixai que Galileu perca os olhos em buscar novos astros, Flammesteed em os contar, Herschel em os aumentar, Newton em os pesar: deixai que calculando se seque a medula oblongada a Euler e a d'Alembert; deixai que a loucura de fazer um Dicionário e a misantrópica reflexão assassinem de uma vez Voltaire e Rousseau: (...). Deixai que Buffon faça o Mundo, (...), não cureis se os corpos obedecem aos vórtices, ou à atracção; se a luz eléctrica é triangular como o quer Fráklín (...); se a luz solar obedeça a Romme e os corpos celestes a Kepler ou a Halley. Não queirais saber nada do ar fixo, do inflamável, do flogístico, dos fósforos, dos sais, das pedras, (...): deixai no vórtice de tanta confusão, sempre vária, sempre nova, sempre discorde, sempre incerta, os loucos que não podem sentir o melhor, o mais sólido, o verdadeiro, ou por defeito orgânico, ou porque são forçados da insita vaidade a estas infrutuosas indagações" ⁽¹²⁾.

A principal razão de afastamento não é já o erro ou a heresia das investigações, mas as suas incertezas, o seu carácter provável e não "certo", contraposto à certeza e à evidência das verdades reveladas.

Não podemos ver os divulgadores de ciência desta época como perigosos jacobinos. É contudo importante verificar que o seu trabalho se faz num ambiente em muitos casos hostil. Da mesma forma que a valorização da "verdade revelada" se inscreve numa pedagogia que reproduz os quadros mentais e sociais existentes, opondo-se à aplicação de descobertas que possam modificar uma situação dada, opondo-se a que um lavrador tenha a veleidade de saber mais do que aquilo que a tradição consagrou como necessário, a valorização

da capacidade humana de descobrir o mundo exterior inscreve-se numa pedagogia que visa "racionalizar" e "harmonizar", e, por consequência, "melhorar" nos planos espiritual e material. O homem deve "ousar saber" ⁽¹³⁾.

Um trunfo, que é simultaneamente revelador da nova mentalidade, é a língua das edições. Trata-se de uma constante em toda a Europa a utilização das várias línguas nacionais quando até então o latim era omnipresente nas publicações científicas. Esta mudança pode ter significado inicialmente uma opção entre várias audiências. O latim, sendo a língua científica internacional, permitia um público em países diferentes. Aparentemente prescindindo desse público, os escritores que se lançaram na utilização das suas línguas verificaram uma procura e um potencial prestígio numa mais vasta audiência no seu próprio país. Assim se chegava a um público não especializado, não conhecedor do latim.

A diferença entre o que se passa neste campo em França, na Inglaterra, ou mesmo em Espanha, e o que se passa em Portugal, é que o francês, o inglês ou o castelhano permitiram um grande aumento das edições científicas, tanto a nível interno como impondo-se internacionalmente. Já a língua portuguesa teve de defrontar-se com um espaço de estreitos limites para a edição, dado o universo alfabetizado ser restrito e não se conseguir impor fora das áreas lusófonas. Há, mesmo assim, um alargamento de leitores de ciência que de outra forma não teriam acesso às edições, tanto pela edição em português como pelo estímulo ao estudo e à leitura de outras línguas, nomeadamente a francesa, facto que não deixou de suscitar comentários críticos a José Agostinho de Macedo ⁽¹⁴⁾.

Vandelli e Brotero são dois exemplos nítidos desta preocupação. O primeiro, porque muda bruscamente nos anos oitenta a sua orientação neste campo. Até então publicara sete títulos, todos em latim. Em 1788 e 89 publica ainda mais dois mas já começara a publicar em português os seus restantes trabalhos. Quanto a Brotero, a sua atitude é mais explícita. O seu Com-

pêndio aparece em português porque é uma obra de divulgação. Inclui por isso também um glossário. Já ao anunciar uma obra para especialistas, os "Elementos de Phitologia" ⁽¹⁵⁾, diz que escreverá em latim.

Grande parte das obras de que já falámos tinham por finalidade levar os conhecimentos necessários à generalidade dos leitores. Podemos mesmo afirmar que dificilmente se desliga a edição científica da preocupação pedagógica. Mas há um conjunto de obras que se justifica essencialmente por essa vocação divulgadora. O seu cariz coincide num aspecto: a não especialização e a tentativa de abordar um largo leque de questões científicas que os autores ou editores consideram de interesse para divulgação. Mas não é necessariamente um acervo de generalidades.

Quanto às formas que revestem essas publicações, elas são variadas. Podem ser jornais ou revistas científicas que vão escolhendo os seus temas de acordo com a sua oportunidade, ou podem ser grandes iniciativas editoriais de objectivos enciclopédicos organizadas tematicamente ou com entradas ordenadas alfabeticamente.

Entre as publicações periódicas científicas que se podia ler em Portugal são de destacar: o *Jornal Encyclopedico* ⁽¹⁶⁾ - 1788/93 -, o *Jornal de Coimbra* - 1812/20 -, os *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras* - 1818/20 -, a *Bibliothèque Physico-Economique* (1785/92), entre outros.

O significado e tendências destas publicações são divergentes. A *Bibliothèque*, por exemplo, não esconde a sua simpatia a partir de 1789 pela Assembleia Nacional e Assembleia Legislativa francesas e deixa de entrar em Portugal em 1792. Já o *Jornal de Coimbra* expressa as perspectivas oficiais sobre a actividade científica.

Há, contudo, pontos de contacto de muito interesse. Um desses pontos de contacto é o servirem essas publicações como local de actualização bibliográfica. Outro são as notícias e artigos que procuram ser úteis, resolver problemas, tornar o jornal interessante aos olhos de sectores específicos do público e, finalmente, incentivar a curiosidade pelas ciências. Alguns

exemplos destes temas são as curiosidades médicas, as explicações sobre a invenção e funcionamento de maquinaria ou, noutro campo, mesmo as notícias mundanas e literárias.

Quanto ao primeiro ponto de contacto a que aludimos, faz-se a actualização bibliográfica através de resenhas, resumos, ou pela notícia de livros. Jacques Wagner, num estudo realizado a propósito do *Journal Encyclopedique* ⁽¹⁷⁾ (antecessor do seu homónimo português e proibido em 1760 em Liège) aborda o papel de uma "imprensa filosófica" europeia cuja função e mérito era promover livros "ousados", mais do que defender as suas teses. Esta realidade repete-se em Portugal, genericamente para o conjunto dos periódicos, e em particular para aquele que procurou reeditar o título proibido na Europa.

O *Jornal Encyclopedico*, que Henriques de Paiva dirige, não é um órgão incendiário. Entre os seus assinantes, cerca de quinhentos, contam-se a rainha, os príncipes, o intendente Pina Manique, a Academia das Ciências e o Cardeal Patriarca. As suas notícias incluem elogios a obras de apologética. Mas Voltaire e Rousseau têm o seu espaço ⁽¹⁸⁾ da mesma forma que se discutem as ideias de Condillac, Mably, Diderot, d'Alembert, Buffon, Locke, Leibniz, entre outros ⁽¹⁹⁾.

Paralelamente, o mesmo papel é desempenhado por várias enciclopédias que sabemos terem circulado entre nós (se mais provas não houvesse) através das referências que aqueles jornais lhes fazem. Claro que essas referências dizem mais do jornal que as publica do que das enciclopédias propriamente ditas. Há conhecimento, entre finais do século XVIII, princípios do XIX, da existência em Portugal da *Encyclopedia Britanica*, da *Cyclopedie de Chambers*, da *Encyclopedie Méthodique*, da *Encyclopedie de Diderot e d'Alembert* e até da tentativa de realização de uma *Encyclopedia Portuguesa* de que sairia apenas um volume. Apareceu em 1817 e anunciava-se superior às obras francesas e inglesas, mais vasta em número de entradas e mais sucinta em cada uma, atendo-se ao

que, de essencial, era "necessário" saber sobre um determinado assunto.

A *Encyclopédie* é, de qualquer modo, uma peça ímpar na procura e circulação destas obras. Assumida e entendida como uma monumental empresa educativa, esta obra tem um prestígio que ultrapassa as barreiras ideológicas. Quem, para o *Jornal Enciclopédico*, avaliza a *Cyclopaedia* e aconselha a sua aquisição são as boas referências da obra de Diderot e d'Alembert e, na opinião dos redactores daquele jornal, num confronto entre esta e a *Encyclopédie Méthodique*, chega-se à conclusão de que, apesar do tempo e da quantidade de escritos que se produziram entre as duas edições, a segunda obra pouco acrescenta à primeira, nomeadamente em matérias como a Lógica (em artigos escritos por d'Alembert).

Havia, em Portugal, condições para a receptividade que a *Encyclopédie* mereceu. Essas condições têm a ver com a expansão da mentalidade pedagógica de que temos vindo a falar, associada a um prestígio crescente dos temas científicos. Até a *Gazeta de Lisboa* anuncia a sua venda nos períodos de maior abertura ou de mais forte emergência de uma circulação permanente. Esta procura levava a que fossem rendosas as encomendas destas obras, mesmo com os riscos próprios das proibições. Os livreiros que se encarregavam das encomendas não eram revolucionários nem agiam movidos por interesses ideológicos.

Registemos o testemunho de dois livreiros de Lisboa, Reyceud e a viúva Bertrand⁽²⁰⁾. O primeiro, em carta de 1780, mostra claramente um aumento da procura por parte dos leitores e fala do correspondente aumento da necessidade de importação. A segunda queixa-se do atraso no transporte das enciclopédias, quer viessem via Génova, quer via Amsterdam. Era, em todo o caso, uma obra com possibilidades de mercado e constava até em bibliotecas de ordens religiosas.

Não marcada pelos mesmos traços ideológicos, mas igualmente um sucesso editorial (e mesmo com edições fora do

país), a principal obra com carácter enciclopédico no campo das ciências em Portugal foi a *Recreação Filosófica* do Padre Teodoro de Almeida⁽²¹⁾.

Além de ter sido uma obra comprovadamente lida e procurada, com sucessivas edições, apresenta a vantagem de acompanhar, no campo editorial, uma actividade essencialmente prática. Os volumes mais conhecidos sobre ciência tinham sido editados nos anos 50 e 60. No final do século XVIII, neste campo, Teodoro de Almeida vira-se mais para as experiências públicas e exibições científicas no Palácio das Necessidades. Toda a *Recreação* continua a ser lida e lê-lo-á ao longo do século XIX, tanto em Portugal como em Espanha. O mesmo acontece aliás com as suas *Cartas Fysico-Matemáticas*.

Com características diferentes uns dos outros, estes são os intervenientes mais directos de uma mentalidade que os transcende e que une a ideia de ciência à de pedagogia.

Esta ligação está presente afinal nos inúmeros trabalhos, memórias e artigos publicados ou manuscritos que sobre vária matéria foram escritos, e que traduzem com fidelidade o espírito geral da leitura científica. A vários títulos é representativa a "protestação preliminar" que Pereira de Araújo deixou então manuscrita.

Em primeiro lugar, estabelece a relação entre o erudito que investiga, abrindo novos caminhos ao conhecimento, e a sua necessidade de divulgar o que faz e o que se produz em outros países.

Em segundo lugar, reconhece nesta actividade o que ela tem de conflituoso, as dificuldades que há que enfrentar e a correspondente necessidade de um contacto internacional a nível das ideias. Os cientistas, sendo "Cidadãos do mundo", deviam enfrentar os países que contrariassem a divulgação científica e aí viver, mesmo contra vontade dos seus governos.

Finalmente, assume para este trabalho a ideia de "triunfo da Razão" e o fim de tornar "humanos os impérios mais bárbaros"⁽²²⁾.

NOTAS:

1 - Ver Mandrou, *De la culture populaire aux XVII et XVIII siècles*, Paris, Imago 1985 (1ª ed. 1964)

2 - Não conseguimos localizar estes livros (ou folhetos), pelo que não nos é possível fazer afirmações acerca do seu conteúdo. Temos porém razões para crer que se trata da mesma obra publicitada em dois anos consecutivos o que, pelo menos, dá conta da importância de tema para a leitura da época. Quanto ao seu autor, Eusébio A.R.Lisboa, parece tratar-se do cirurgião Eusébio António Rodrigues que, em 1798 editou os *Elementos de Osteologia Prática*.

3 - *Indagação sobre as causas e efeitos das bexigas de vacca, moléstia descoberta (...) e conhecida pelo nome da Vaccina*, Lisboa, Off. Régia, 1803. Exposição de casos de inoculação e generalizações, esta obra foi traduzida da segunda edição inglesa (1800).

4 - *Preservativos das Bexigas e dos seus terríveis estragos*, Lisboa, 1801

5 - "Jenner illustre, que a Vaccina inventa,
Brown e Frank de immortal memória,
E o sagaz Cullen que com raro aviso
Do nervoso sistema as leis te mostra"

Elpino Duriense, *Poesias*, I, 1812, p. 279

6 - Encontramos um livro de um desses antagonistas, anos depois publicado em Londres. Heleodoro Jacinto de Araújo Carneiro, que em 1808 edita *Reflexões e Observações sobre a Prática da Inoculação da Vaccina e as suas funestas consequências*, combate a vacina e as conclusões a que Jenner chegou, recorrendo ao mesmo tipo de argumentos dos apoiantes das experiências. Refere resultados experimentais considerando-os desastrosos, ataca a falta de rigor "filosófico" das pesquisas e denuncia a origem popular da crença de quem já tivesse estado sujeito à doença. Ao mesmo tempo lembra autoridades antigas que sobre o assunto nada

tinham escrito

7 - *Preservativo ...*, op.cit. (4), dedicatória

8 - "Raices Filosoficas del enciclopedismo" in *La Enciclopedia y el Enciclopedismo*, Buenos Aires, Oikos, 1983, p.33

9 - Janeiro de 1791

10 - *Annaes das Sciencias, das Artes e das Letras*, T.I, Paris, Julho 1818, p.1.

11 - Janeiro a Março de 1792

12 - *Cartas Filosóficas a Attico*, Lisboa, 1815, pp. 107-109

13 - "Sapere Aude!", citação de Horácio que se tornou, com Kant, no emblema das Luzes, espelha a ideia de ousadia do conhecimento contra a situação de minoridade em que o homem se encontra segundo os filósofos do século XVIII. Envolve necessariamente conteúdos políticos mas o essencial é a definição de uma atitude metodológica e mental. A este respeito veja-se Franco Venturi, "Sapere Aude!" in *Europe des Lumières, Recherches sur le 18º siècle*, Paris/Haia, Mouton, 1971; e José Esteves Pereira, "Kant e a resposta à pergunta: o que são as luzes", *Cultura - História e Filosofia*, vol.III, 1984, pp. 153-168.

14 - *Jornal Encyclopédico de Lisboa*, vol.2, VIII, 1820, p. 101

15 - Virá a editar, bem mais tarde (depois de uma tentativa que o deixou insatisfeito em 1800), a *Phitografia Lusitania e Selectior*, Lisboa, 1816/27. É curioso o carácter mais analítico que conferiu ao título, em relação ao projecto inicial.

16 - Em Julho de 1779 aparece um primeiro número do *Jornal Encyclopédico dedicado à Rainha Nossa Senhora e destinado para instrução geral*, da responsabilidade de Felix António Castrioto. Ainda pouco elaborado na sua organização, inclui notícias científicas e referências a muitos trabalhos recentemente publicados, entre os quais a edição das obras de Voltaire de 1775. Afirma que "Nos annaes da literatura serão sempre notáveis os nomes de Voltere e de Russó (sic)" (p.113). É no entanto muito crítico em relação ao não contributo de Voltaire para a ciência, uma vez que este apenas se teria ocupado

de generalidades e mesmo a divulgação de Newton revelava grande incompreensão da física. Estas apreciações dão uma ideia do que pretendia ser a orientação do periódico. Deste jornal não voltou a sair nenhum exemplar senão com nova direcção, entre 1788 e 1792. Em 1820 será a vez de Agostinho Macedo tomar o título embora com um conteúdo diferente. Macedo, segundo Inocêncio da Silva, também já colaborara na segunda fase da vida do jornal.

17 - "Le rôle du *Journal Encyclopédique* dans la diffusion de la culture" in *Transactions of the fifth international Congress of the Enlightenment*, Pisa - 1979, t.4, Oxford, 1980

18 - Em Maio de 1789 anunciam-se as obras "correctas" de Voltaire, numa edição em trinta volumes que o próprio rei de França teria subscrito. Em Junho é a vez de serem anunciados os trinta e dois ou trinta e quatro volumes da nova edição de Rousseau (sem se saber se estava ou não, como a de Voltaire, "limpa" de todos os "erros").

19 - Entre 1788 e 1791, em vários artigos se recorre, se elogia ou se critica estes

e outros pensadores.

20 - Ver, Darnton, *The Business of Enlightenment: a publishing history of the 'Encyclopédie' 1775-1800*, Harvard University Press, 1979. 1

21 - Lisboa, 10 vols., 1751-1800. Ribeiro Sanches, logo em 1759, nas *Cartas sobre a Educação da Mocidade* (Coimbra, Imp.Univ., 1922, pp.164-165), considera que, dada a existência de uma obra como a *Recreação Filosófica*, publicada em português, se tornava desnecessário estar a explicar em que consistia a Física experimental, ciência imprescindível para a formação dos jovens. Os dez volumes desta obra foram saindo entre 1751 (os dois primeiros) e 1800, mas continuaram a ser editados. Em 1819, quando sai a 6ª edição do volume 5, já tinham sido vendidas: três edições do volume 1 (1758), cinco do volume 2 (1788), seis dos volumes 3 e 4 (1803), cinco do volume 6 (1795) e seis edições do volume 7 (1805). A divisão temática da obra possibilitava que o interesse e a procura fossem diferenciados.

22 - *Memória sobre o Salitre*, A.C.L., ms. a. 376/14.

Divulga

LEP
educação